



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 4

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 4 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-906-6

DOI 10.22533/at.ed.066211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!
Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
#EXPOSED: COMO A DISCUSSÃO DE GÊNERO EM SALA DE AULA PODE AJUDAR A COMBATER O ASSÉDIO SEXUAL NAS ESCOLAS	
Ortiz Coelho da Silva	
Janaína Guimarães da Fonseca e Silva	
Francisca Mariana Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0662119031	
CAPÍTULO 2	17
A COMISSÃO ESTADUAL DA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA (LBA) E A ASSISTÊNCIA À SAÚDE INFANTIL NO PIAUÍ (1942-1945)	
Francilene Teles da Silva Sousa	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
DOI 10.22533/at.ed.0662119032	
CAPÍTULO 3	31
EDUCAÇÃO INFANTIL E FEMINISMO: UM ESTUDO DE CASO	
Paola Camila Branco Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.0662119033	
CAPÍTULO 4	37
AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM RETRATOS FOTOGRÁFICOS DO ESTÚDIO REUTLINGER NOS TEMPOS DA BELLE ÉPOQUE (1900-1915)	
Marco Antonio Stancik	
Ana Regina Praxedes Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.0662119034	
CAPÍTULO 5	45
A MULHER NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA: UM ENFOQUE EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII	
Alex Augusto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0662119035	
CAPÍTULO 6	54
A SEXUALIDADE INDÍGENA NAS PERGUNTAS DE UM CONFESSORÁRIO TUPI NO PARÁ DO SÉCULO XVIII	
Jaqueline Ferreira da Mota	
DOI 10.22533/at.ed.0662119036	
CAPÍTULO 7	79
MULHERES SEM TERRA INSUBMISSAS: REFLEXÕES SOBRE OS FEMINISMOS CONTRA HEGEMÔNICOS EM CONTEXTOS RURAIS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Flávia Pereira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.0662119037	

CAPÍTULO 8.....	94
TERRA OU MORTE: AS DENÚNCIAS DAS FEDERAÇÕES CAMPONESAS E YANACONAS CONTRA AS FAZENDAS E O GOVERNO PERUANO, EXPOSTAS NO JORNAL UNIDAD (1960-1963)	
Marcos Marcial Matos Malpartida	
DOI 10.22533/at.ed.0662119038	
CAPÍTULO 9.....	107
A CABEÇA BRANCA DA HIDRA E SEUS PÂNTANOS: SUBSÍDIOS PARA UMA GEOGRAFIA DA HISTÓRIA DA AMAZÔNIA MARANHENSE, E PARA NOVAS PESQUISAS SOBRE COMUNIDADES INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, E CAMPONESAS	
István van Deursen Varga	
Raimundo Luís Silva Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.0662119039	
CAPÍTULO 10.....	120
A DIOCESE DE ITAGUAÍ, A LUTA PELA TERRA E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS NO LITORAL SUL FLUMINENSE ENTRE 1970 E 1990	
Maria do Carmo Gregório	
DOI 10.22533/at.ed.06621190310	
CAPÍTULO 11.....	132
ENTRE A RELIGIOSIDADE E A INSURGÊNCIA: AS SANTIDADES INDÍGENAS NO BRASIL COLONIAL	
Juliana Mary Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.06621190311	
CAPÍTULO 12.....	144
MUDANÇAS NO CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO: A ASCENSÃO DO PENTECOSTALISMO, A REVERBERAÇÃO DA CRISE DO CATOLICISMO E A BUSCA MISSIONÁRIA CATÓLICA POR NOVOS FIÉIS (1950-2000)	
Derllânio Telecio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.06621190312	
CAPÍTULO 13.....	154
A ARTE DE CURAR (PRÁTICAS DE CURA) E SUA “CRIMINALIZAÇÃO” EM IRATI E MALLETT- PR - PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Henrique Alexandro Senderski	
DOI 10.22533/at.ed.06621190313	
CAPÍTULO 14.....	163
“O QUE EU ME LEMBRO, EM PRIMEIRO LUGAR, EU NÃO SEI O PORQUÊ... OS AFOXÉS!”	
Alberto Bomfim da Silva	
Edson Farias	
DOI 10.22533/at.ed.06621190314	

CAPÍTULO 15	177
PROJETO DE EDIÇÃO DE LIVRO: MORRO DO PARAMIRIM, A VILA DE BREJEIROS E BARRANQUEIROS	
Maria de Fátima Magalhães Mariani	
Leandro Magalhães Mariani	
DOI 10.22533/at.ed.06621190315	
CAPÍTULO 16	189
MEMÓRIAS DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1808-1840)	
Helber Renato Feydit de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.06621190316	
CAPÍTULO 17	204
NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: LEMBRANÇAS ATUAIS DO REPERTÓRIO REPENTISTA DE ZÉ DA PRATA	
Josi de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.06621190317	
CAPÍTULO 18	219
VISÕES DE UMA PEREGRINA: OS CAMINHOS ENTRE SAGRADO E PROFANO NA PEREGRINAÇÃO À CIDADE DE DIVINA PASTORA	
Alice Batista Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.06621190318	
CAPÍTULO 19	231
ENTRE A LEI E A TRIBUNA: O INÍCIO DA VIDA PÚBLICA DE JOAQUIM NUNES MACHADO (1834-1837)	
Manoel Nunes Cavalcanti Junior	
DOI 10.22533/at.ed.06621190319	
CAPÍTULO 20	243
LUIZ AUGUSTO MAY NA CAPITANIA DO GRÃO PARÁ E RIO NEGRO: ESTRATÉGIAS PARA A DEFESA DO DA REGIÃO (1813)	
Myriam Paula Barbosa Pires	
DOI 10.22533/at.ed.06621190320	
CAPÍTULO 21	255
KARL POPPER E A CIÊNCIA HISTÓRICA	
Rafael Cavalheri Peres	
Diego Rodstein Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.06621190321	
CAPÍTULO 22	263
VELHOS DILEMAS, NOVOS PARADIGMAS: OS IMPACTOS DA DIGITALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS EM PESQUISAS SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
Juliano Cabral Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.06621190322	

CAPÍTULO 23	275
O JORNAL <i>A LUTA</i> E O ANIVERSÁRIO DO GOLPE DE 1964 Caio Vinícius Silva Teixeira Claudia Cristina da Silva Fontineles DOI 10.22533/at.ed.06621190323	
CAPÍTULO 24	288
ESQUERDA POSITIVA OU ESQUERDA NEGATIVA? LEONEL BRIZOLA E SAN TIAGO DANTAS DURANTE O GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964) Marcelo Marcon DOI 10.22533/at.ed.06621190324	
SOBRE A ORGANIZADORA	298
ÍNDICE REMISSIVO	299

CAPÍTULO 5

A MULHER NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA: UM ENFOQUE EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Data de aceite: 01/03/2021

Alex Augusto de Souza

Mestre em Ciências Sociais: Universidade Estadual de Maringá - UEM/Maringá.

Graduado em História pela UENP:

Universidade Estadual do Norte do Paraná; graduado em Ciências Sociais pela UNIMES:

Universidade Metropolitana de Santos; graduado em Pedagogia pelo Instituto Alvorada Plus de São Paulo

RESUMO: O presente trabalho buscará analisar a vivência das mulheres no período colonial brasileiro com enfoque nas Minas Gerais, no auge da sociedade aurífera do século XVIII. Quando passamos a analisar a condição da mulher na sociedade colonial, adentramos em um mundo que pode nos parecer estranho, visto pelo contexto da sociedade machista e patriarcal do referido período, mas dentro desse período a mulher teve um papel de destaque, principalmente a negra. Em uma sociedade onde a escassez de mulher branca se fazia presente, a negra e a mulata serão, depois das índias, a base das relações sexuais no território luso-brasileiro. Na sociedade das Gerais, vamos analisar os valores femininos e a importância que essas mulheres tiveram, desconstruindo aquela imagem da mulher dentro de uma visão masculina a qual a ela cabia apenas papéis secundários, para valorizar sua real contribuição.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Colonização, Sexualidade, Miscigenação.

ABSTRACT: The present work will seek to analyze the experience of women in the Brazilian colonial period with a focus on Minas Gerais, at the height of the gold society of the 18th century. When we started to analyze the condition of women in colonial society, we entered a world that may seem strange to us, seen in the context of the macho and patriarchal society of that period, but within that period, women played a prominent role, especially black women. In a society where the scarcity of white women was present, the black and the mulatto women will, after the Indians, be the basis of sexual relations in the Luso-Brazilian territory. In the society of the Generals, we will analyze the feminine values and the importance that these women had, deconstructing that image of the woman within a masculine vision to which she had only secondary roles, to value her real contribution.

KEYWORDS: Women, Colonization, Sexuality, Miscegenation.

1 | INTRODUÇÃO

Quando adentramos nos estudos sobre as mulheres no período colonial brasileiro, percebemos a existência de uma sociedade onde a feminilidade era associada à inferioridade. Em uma época dominada por um conservadorismo machista de tradição patriarcal a mulher carregava um estigma que vinham de tradições seguidas desde à Europa medieval e nos faz necessário lembrar-se de nossa colonização europeia portuguesa. Macedo (1999), falando de um nobre do século XIII de nome Filipe de

Novara, que este ao cuidar da educação das filhas jovens, lembrava que a primeira virtude a ser ensinada a elas era a da obediência, pois as mulheres teriam nascido para obedecer.

Perceberemos no decorrer da pesquisa que a mulher não foi assim por dizer tão submissa ao homem como muitas vezes nos relata a historiografia. Adentrando a sociedade das Gerais no século XVIII, período de glória da colonização portuguesa, iremos mostrar que a mulher teve um grande papel social na sociedade em questão. Participando ativamente muitas vezes do próprio setor da economia ela soube como dominar muitas vezes o homem através de sua sensualidade, mostrando que nas relações sexuais enquanto muitas vezes a história ressalta como já dito a dominação masculina, as mulheres, principalmente as negras, usaram de seus encantos para conseguir algo que a lhes interessassem. O feminino nessa sociedade deve ser resgatado com todas as vicissitudes que este gênero passou ao longo da história do período colonial, analisando principalmente quem eram as mulheres mineiras do século XVIII.

2 | O PRIMEIRO CONTATO: AS ÍNDIAS E OS EUROPEUS

O Brasil à época da chegada dos colonizadores europeus fazia parte do projeto mercantilista português. De início a nação lusa nada teria de proveito dessas terras, a não ser a madeira tirada de uma região que para aqueles homens parecia mais uma grande ilha composta por povos “selvagens” e sem cultura. Dessas terras, os portugueses começaram com a exploração nativa da árvore pau-brasil, a qual, aqueles povos ditos selvagens, os índios, serão seu braço direito. No que tange a colonização, são homens europeus que vieram para essa região em busca de aventura, riqueza, prestígio, enfim, de algo desconhecido. Em terras tão distantes não é de se estranhar que esses se envolveram com as nativas, as belas índias que aqui viviam e passaram a servir esses homens como se fossem verdadeiros deuses.

Já num primeiro momento essas mulheres eram vistas por eles como um objeto. As vezes um objeto de trabalho, mas muitas vezes também como um objeto de prazer. Nesse contexto a condição da mulher passa a ser de submissão aos homens, aqueles que podiam as dominar sem nenhum tipo de questionamento. Dizia Gilberto Freyre (2003) a respeito desses fatos que “o ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual”.

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (FREYRE, 2003, p.161)

As palavras de Freyre em relação às índias parecem-nos cair de péssimo grado se estamos tentando achar o valor da mulher, nesse período. Num primeiro momento talvez sentimos um desgosto com o autor por palavras tão fúteis dirigidas a mulher, a índia, como um simples objeto sexual do europeu. Mas não é isso, indo a fundo no pensamento de Freyre veremos que o que ele faz é tentar buscar as raízes de nossas origens e mesmo que pareça de mau grado suas palavras, o que ele tentará fazer é falar da contribuição que tiveram a índia e depois a negra para o processo de miscigenação da nossa sociedade, visto que o autor também é bem realista sobre o modo que os europeus passam a tratar essas mulheres em território brasileiro.

Adentrando mais a fundo aos acontecimentos do período colonial, enfim, o pau-brasil cederá lugar ao produto que realmente faria os portugueses darem o ponta o pé verdadeiro na colonização, a cana de açúcar. A planta encontraria em solos brasileiros terra fértil ao seu desenvolvimento e para o penoso trabalho que seria desenvolvido na sociedade açucareira que se forma, aqui chegam os negros, trazidos da África como escravos serão a mão de obra principal da economia da colônia portuguesa. Observa-se a formação de uma sociedade patriarcal voltada a dominação masculina onde a mulher, principalmente a negra, deverá servir seu senhor sem nenhum tipo de questionamento. Mas será que durante todo o período colonial a mulher não teve mesmo maior importância que isso? Servir e ser um objeto sexual dos “seus senhores” da maneira que eles queriam? Veremos no decorrer deste trabalho que não, pois a mulher exerceu significativa importância nesse período.

3 | A PRESENÇA DA IGREJA

A Igreja Católica não poderia deixar de estar unida à Coroa Portuguesa em seu projeto colonizador. Dissolver em terras da América a cultura europeia e pregar os “bons” princípios seria a tarefa da Igreja na colônia do ultramar. Assim um dos primeiros papéis dos padres jesuítas que aqui chegam seria o de mandar que aqui viessem moças brancas a se juntar com os colonos, pois:

É certo que, de todo modo, os agentes eclesiais da colonização tentaram, por todos os meios a seu alcance, transformar o Brasil numa parte legítima da cristandade romana, o que implicava, entre outras coisas, difundir o modelo matrimonial cristão: uniões sacramentadas, família conjugal, continência e austeridade (VAINFAS, 1997, p.224).

Mas isso não seria tarefa fácil para a Igreja, visto as grandes efervescências sexuais que tomava conta da colônia. Os próprios documentos da igreja mostram que o universo das intimidades sexuais foram intensas, principalmente dos senhores brancos com a mulher negra, que fazia aflorar todo ímpeto de sexualidade proibido pela Igreja no período colonial.

Não podemos deixar de ressaltar também que muitas vezes vistas como sexo frágil, as mulheres eram vistas como sujeitos a obedecer, não só a negra, aquela que era escrava, mas também as senhoras, mulheres de senhores de engenho. Porém, o que muitas vezes não se relata é que as mulheres chegaram até a ser administradoras de grandes fazendas e participantes de movimentos políticos. Dizia Freyre que essas mulheres não tinham uma vocação doméstica, mas:

Energias para administrar fazendas, como das Joaquinas do Pompeu; energia para dirigir a política partidária da família, em toda uma região, como as das Franciscas do Rio Formoso; energia guerreira, como a das matronas pernambucanas que se distinguiram durante a guerra contra os holandeses, não só nas duas marchas, para as Alagoas e para a Bahia, pelo meio das matas e atravessando rios fundo como em Tejucupapo, onde é tradição que elas lutaram bravamente contra os hereges (FREYRE, 2006, p.209).

Conseguimos perceber através dos relatos os quão importantes papéis essas mulheres tiveram no período colonial, isso desconstrói aquela imagem da mulher como um tipo franzino, caseira e maternal pronta para obedecer a ordens masculinas.

4 | MULHERES DAS GERAIS: COMÉRCIO, SEXUALIDADE, RELIGIÃO E FAMÍLIA NA SOCIEDADE DO OURO

Se na colônia como um todo a mulher conseguiu mostrar que teve importantes papéis, na sociedade das Minas Gerais do século XVIII o peso social da mulher foi de grande importância. Figueiredo (2012) em seu artigo “Mulheres nas Minas Gerais”, logo nos primeiros parágrafos já faz uma indagação ao questionar: sob esse cenário de ouro, diamantes e imaginação, como viveram amaram e trabalharam as mulheres?”. Para ele entre os ofícios que se multiplicaram pelas Minas Gerais, os quais mulheres tiveram pouco ou quase nenhum peso social estão os de: ferreiros, latoeiros, sapateiros, pedreiros, carpinteiros, ourives, etc. Mas, o que não podemos deixar de reconhecer é que as mulheres participam da vida social e econômica da colônia de modo a contribuir com a colonização. Com a descoberta do ouro, é certo que houve grande crescimento e efervescência na capitania de Minas Gerais e com isso o processo de urbanização mostrou-se também fervoroso.

Uma variada gama de atividades comerciais desenvolveu-se nas Gerais, as vendas aumentaram por todo território e estabelecimentos comerciais com as mais diversas atividades começaram a surgir:

O destaque da presença feminina no comércio concentrava-se nas mulheres que eram chamadas de “negras do tabuleiro”. Elas infernizaram autoridades de aquém e de além-mar. Todos os rios de tinta despejados na legislação persecutória e punitiva não foram capazes de diminuir seu ânimo em Minas e pelo Brasil afora (FIGUEIREDO, 2012, p.145).

As negras de tabuleiro sem dúvida tiveram um papel de grande relevância nas Gerais do século XVIII. Tamanho era sua influência que chegaram a ser consideradas como um perigo na região das Minas, principalmente próximo ao leito dos rios, onde era feita a extração do ouro.



A presença das negras de tabuleiro era constante nas Gerais

Segundo Figueiredo (2012), o próprio padre jesuíta Antonil que chega no Brasil em fins do século XVII, advertiu sobre os prejuízos que essas mulheres poderiam causar nas áreas de mineração, pois com a venda de seus mais diversos produtos estavam sempre “aproximando seus apetitosos tabuleiros dos locais de onde extraíam ouro e diamantes”. Ele ainda prossegue e afirma que: “As mulheres congregavam em torno de si segmentos variados da população pobre mineira, muitas vezes prestando solidariedade a práticas de desvio de ouro, contrabando, prostituição e articulação com os quilombos”.

Ao mesmo tempo essas mulheres, negras, escravas, livres ou forras praticavam atividades comerciais para o abastecimento da capitania, pois fica claro que a realização de seus feitos, as escondidas dos senhores, possibilitou a muitas desenvolverem uma rede de relações sociais que fugia do próprio controle das autoridades coloniais. Muitas delas conseguirão suas próprias alforrias, usando de todas as artimanhas às quais lhes fossem possíveis. Muitas vezes de com acordo com Figueiredo (2012) “O ambiente em torno das vendas lembra o de uma autêntica taverna”. Essa afirmação provém devido à presença de diferentes grupos que se reuniam nas vendas para as mais diversas atividades além de apenas comprar e consumir produtos alimentícios. Afirma Figueiredo que eram “espaços de alegria e lazer, batuques em que se dançava e cantava eram ali organizados e encontros sexuais acertados”.

Nessa sociedade, a consolidação do poder real enfrentou sérias resistências, principalmente nas primeiras décadas do século XVIII, mas a Coroa também admitia que esse mercado clandestino era uma fonte de abastecimento estável para as populações

mineiras, além dos recursos que eram obtidos através da cobrança de tributos. Analisando esse cenário, as medidas tomadas num primeiro momento foram mais de vigilância do que punição. No entanto, uma das medidas tomadas com o objetivo de não permitir que a situação fugisse do controle da Coroa, foi a de proibir a livre circulação de escravos à noite, pois como sabemos a escravidão mineira apresentava forma tipicamente urbana.

Outra atitude foram as medidas que procuravam fixar um horário definido para o funcionamento das vendas, além da proibição de escravos permanecerem por muito tempo dentro desses locais. Grande preocupação da Coroa, como já dito era que as vendas se instalassem próximo às áreas de mineração, pois era um temor constante por parte das autoridades que pudesse haver rebeliões. A questão da sexualidade esteve sempre fervorosa no período colonial, o que era tema de preocupação principalmente da Igreja. Nas Vendas, como já dito, a sexualidade se associava ao comércio e porque não podemos dizer que ela se tornava muitas vezes um comércio? De acordo com Figueiredo (2012) “A pobreza de muitas mulheres fazia a prostituição lhes servir de atividade complementar”. As palavras de Figueiredo apenas confirmam um fato muito corriqueiro das Gerais do século XVIII, em que muitas vezes, além da atividade comercial a prostituição também complementou as rendas dos estabelecimentos.



O ambiente em torno das vendas lembrava de uma autêntica taverna

Apesar de toda essa efervescência sexual, segundo afirma Vainfas (1997) o casamento prevalecia na colônia, principalmente para se manter os arranjos com interesses patrimoniais nas famílias de elite, mas também “o matrimônio legal se difundiu muito além do estreito círculo dos “homens bons” da colônia”. Se prendendo nesse fato, quando se trata das aventuras amorosas e sexuais a moral católica caía apenas sobre as mulheres brancas da colônia, pois, como relata Vainfas (1997) as índias e as “negras da terra” eram

recorrentemente assimiladas a prostitutas e “mulheres públicas” que “em troca de uma camisa ou qualquer coisa, podiam ser fornicadas à vontade, que isso não ofendia a Deus”.

Ainda segundo o autor era popular um ditado da época que dizia “branca pra casar, mulata pro prazer, negra pra trabalhar”. Isso mostra o caráter da machista da sociedade da época a qual as mulheres tiveram de lutar muito para mostrar o seu valor. Reconhece Figueiredo (2012) que ao falar das escravas dedicadas ao pequeno comércio que praticavam a prostituição que “A prostituição, entretanto, não se restringiu a esse grupo específico, sendo largamente disseminada e aceita pela cultura popular em Minas Gerais”. É justo reconhecermos que muitas mulheres foram levadas à prostituição devido as condições que lhes eram impostas, muitas entravam nessa vida a mando do próprio dono, para que essas pudessem ter mais uma forma de ganho.

Havia irmãs, como Domingas e Inácia, “mulheres meretrizes expostas a quem a procura”, e primas, como Narcisa e Rosa, que “admitem frequentemente homens em sua casa para fins torpes e desonestos”. Ou ainda esposas, filhas, enteadas, cunhadas, revelando que a prostituição constituía caminho de sobrevivência para mulheres pobres, no âmbito das unidades familiares (FIGUEIREDO, 2012, p.162/163).

A Igreja tentava exercer seu domínio sobre os pensamentos e sentimentos, sendo que muitas vezes até conseguia algum sucesso, mas para ele nem todos aceitavam essas imposições, Segundo Araújo principalmente “quando o fogo do desejo ardia pelo corpo ou quando as proibições passavam dos limites aceitáveis em determinadas circunstâncias”. No que diz respeito a presença do Estado, representado pela Coroa portuguesa, este acaba colocando tais acontecimentos da colônia como responsabilidade dos poderes policiais das câmaras, que deveriam punir as condutas consideradas erradas, pois, como relata Figueiredo (2012) “As inumeráveis mulheres forras que se entregavam à prostituição funcionavam como máquinas de produção de mestiços livres, despejando “mulatos sem cessar”.

Isso gerava despesas públicas ao Estado com eventuais crianças que eram abandonadas pela própria mãe, além de produzir um desequilíbrio “nas gentes” que parecia ameaçar a precária ordem social, ao gerar rivalidade e insatisfação de indivíduos empobrecidos. Então, quando tocamos na questão da família em Minas, muito se diz que foi um lugar marcado por um conflito constante entre os poderes da Igreja, unida ao Estado através do padroado e da cultura popular. O que podemos afirmar é que houve nas Gerais a disseminação de relações familiares consensual, que se apoiavam em um compromisso informal entre as partes.

Ao falarmos da presença feminina na atuação dos domicílios nas Gerais, estas tiveram uma maior presença do que aquela prevista no casamento cristão, pois em um cotidiano onde era vital a repartição das tarefas, a presença forte das mulheres era necessária à sobrevivência da família, pois apesar da presença masculina, diz Figueiredo

(2012) que “a mulher cabiam funções determinadas para sua manutenção: umas ocupadas no pequeno comércio, outras na administração da casa e dos negócios do companheiro, permanente ou em sua ausência” .É fato que na vivência urbana das Minas Gerais a vida doméstica estava intimamente associada ao trabalho produtivo, pois a produção de gêneros para o pequeno comércio assume importância essencial para o mantimento da população mineira.

Apesar de toda sua importância a mulher sempre foi colocada a um plano inferior ao do homem na sociedade colonial como um todo. A justificativa era clara, como afirma o próprio Araújo (2012) ao dizer que os homens tinham a vida mais solta, o que era até admitido pela Igreja e pelo Estado, mas o paradoxo é evidente, como ressalta um relatório holandês de 1638 que diz que no Brasil “os homens são muito ciosos de suas mulheres e as trazem sempre fechadas, reconhecendo assim que os de sua nação são inclinados a corromper as mulheres alheias”. Era esse tipo de desregramento que a Igreja tentava combater em suas ações, o que não era uma tarefa fácil visto muitas vezes a confrontação e resistência em relação as práticas da Igreja. Muitos casais para fugir da Igreja usavam estratégias como a separação familiar e as visitas noturnas se tornavam algumas das formas encontradas para fugir das suspeitas.

Figueiredo via tais atitudes como passageiras, pois apenas serviam para tentar enganar a ação do clero, um tanto incapacitado na administração das condutas locais. Mas não podemos deixar de ressaltar que diante de tantos medos de repressão, como excomunhão e até mesmo a prisão, surge em Minas, a família fracionada. O objetivo desse tipo de família era manter a estabilidade dos relacionamentos para que estes estivessem dentro dos preceitos da Igreja sem correr o risco de excomunhão.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar da participação da mulher no período colonial brasileiro com ênfase em Minas Gerais foi o objetivo deste trabalho que trouxe uma pequena amostra de toda a contribuição feminina para a construção da nossa nação. Quando analisamos a história das mulheres em Minas Gerais percebemos os elementos de significativa originalidade que ajuda a compor a cultura da antiga capitania.

Na questão da participação das mulheres no comércio, sua importância foi extrema, porém, muitas vezes sofreram preconceitos e perseguição impostas por uma sociedade machista e dominadora. Apesar de muitas vezes terem sido excluídas da historiografia atualmente as mulheres vêm ganhando seu espaço nesse campo, nada mais justo perante suas realizações.

Passando a falar das relações sexuais na colônia, as negras, principalmente, se envolvem num esplendor de encantamento. Muitas vezes utilizando o sexo como um jogo de sedução para conseguir algo em seu benefício, muitas conseguiam se dar bem. O que

não podemos deixar de ressaltar é que muitas utilizavam da sexualidade para manter seu sustento e algumas eram obrigadas a ceder parte do seu ganho para a família de seu senhor, além é claro de ter de servir este sexualmente, assim que ele tivesse vontade. Dessas relações que também começam o processo de miscigenação de nosso país.

Enfim, quando falamos da vivência das mulheres das Minas Gerais no século XVIII fica nítido que sua sobrevivência foi dentro de um quadro de tensões políticas e pressões da cultura dominante, tensões estas constantes devido a presença do ouro na região. O importante é percebermos que dentro deste amplo contexto o papel da mulher sai fortalecido, mostrando sua real importância dentro da conjuntura mineira do século XVIII.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. **A Arte da Sedução: Sexualidade feminina na Colônia**. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FIGUEIREDO, Luciano. **Mulheres nas Minas Gerais**. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. **Moralidades Brasileiras**. In: SOUZA, Laura de M. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 48ª edição. São Paulo, Global Editora, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 16ª edição. São Paulo, Global Editora, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afoxés 163, 164, 166, 167, 169, 170, 173, 174

Amazônia Maranhense 107, 108

Assédio Sexual 1, 2, 3, 7, 8, 15, 16

B

Belle Époque 37, 38, 43, 44, 161

Brasil 2, 7, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 61, 65, 72, 73, 74, 76, 78, 81, 85, 89, 92, 93, 109, 114, 119, 120, 122, 124, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 163, 165, 173, 175, 182, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 220, 221, 230, 231, 233, 255, 265, 266, 269, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297

C

Camponeses 93, 94, 95, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 127

Comunidades 79, 80, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 99, 101, 103, 107, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 184

Cura 145, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 162

D

Decolonial 79, 80, 81, 84, 90, 91, 93

Diocese 77, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 177, 178, 180, 186

Ditadura Militar Brasileira 263, 297

E

Educação Infantil 31, 32

Ensino de História 298

Escolas 1, 3, 7, 12, 14, 15, 16, 20, 25, 81, 87, 119, 146, 147, 166, 184, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 282

Esquerda 113, 280, 288, 289, 291, 294, 295, 296, 297

Estudo de Caso 1, 3, 31, 32, 35, 126

Exposed 1, 2, 3, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 94

F

Federações Camponesas 94

Feminismo 31, 32, 33, 34, 35, 36, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 44, 46, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 217, 265, 298

Geografia 76, 107, 115, 116, 118, 187, 298

H

História 1, 7, 17, 28, 29, 30, 32, 36, 37, 38, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 77, 78, 79, 81, 87, 90, 91, 92, 93, 105, 107, 110, 114, 118, 119, 124, 130, 131, 132, 136, 152, 154, 155, 162, 163, 165, 167, 168, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 194, 203, 205, 206, 207, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 242, 255, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 270, 271, 273, 274, 275, 281, 282, 283, 287, 288, 289, 297, 298

I

Indígenas 55, 56, 59, 60, 68, 72, 74, 75, 76, 80, 83, 89, 90, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 123, 127, 132, 134, 136, 139, 140, 141, 169, 170, 171, 173, 180

Insurgência 132, 141

L

Luta pela Terra 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 103, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130

M

Medicina 24, 27, 28, 55, 76, 107, 156, 157, 158, 159, 161, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Memórias 113, 131, 167, 182, 189, 206, 208, 216, 263, 266, 267, 269, 272

P

Paradigmas 263, 264

Pentecostalismo 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

Peregrina 219, 224, 227

Q

Quilombolas 80, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 125

R

Religião 48, 72, 88, 118, 120, 130, 131, 133, 135, 137, 140, 142, 144, 148, 151, 152, 153, 172, 173, 175, 220, 222, 226

Religiosidade 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 167, 169, 171, 173, 176, 219, 222, 225

Repentista 204, 205, 206, 214, 216

Representações 37, 38, 44, 54, 78, 80, 112, 154, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 173, 174,

175, 177, 182, 185, 204, 219, 229, 276, 278, 280

Retratos Fotográficos 37, 38, 39, 43, 44

S

Sala de Aula 1, 2, 3, 7, 10, 12, 14, 15, 31, 205

Saúde 1, 7, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 100, 107, 147, 156, 158, 159, 161, 187, 189, 190, 191, 192, 196, 203, 211, 284

Sexualidade 3, 4, 6, 7, 15, 32, 33, 45, 47, 48, 50, 53, 54, 76, 78, 81, 83, 84, 91, 92

Sociedade Colonial 45, 52

V

Vida Pública 126, 173, 231

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4